

A reação donatista

A súbita mudança de uma igreja perseguida para uma igreja que estava junto aos centros de poder devido a posição favorável de Constantino com relação a fé cristã não vista igualmente por todos. Alguns pensavam que Constantino era um enviado de Deus e que esse novo tempo era o triunfo da igreja. Já outros viam uma degeneração na cristandade e a união entre estado e igreja como algo perigoso e errado. Já vimos que os pais do deserto e seus seguidores deixaram os grandes centros em busca de uma vida mais profunda com Deus e também como uma crítica a igreja. Todavia, eles continuavam ligados a igreja e com ela mantinham relação, ainda que por vezes tensa.¹

Entretanto, outros grupos neste período tomaram a posição de condenar a igreja que se aliava cada vez mais ao império e se autodeclararam a verdadeira igreja. Dentre estes, o grupo que mais tempo sobreviveu e que maior influência teve foram os donatistas. A questão a respeito que fazer com os cristãos que haviam negado a Cristo na perseguição era um debate importante para a igreja nesse momento, especialmente na região de Cartago, norte da África devido ao fato de que a última onda de perseguição tinha sido especialmente violenta ali. Muitos cristãos haviam abdicado da fé diante das autoridades, alguns chegaram a sacrificar aos deuses, alguns bispos chegaram a entregar suas Bíblias, sendo chamados de traidores e “entregadores” pelos que se mantiveram fiéis.

Com o fim da perseguição e o início de um novo tempo com Constantino, é importante destacar alguns elementos que compuseram a tensão e o cisma donatista. Primeiro, após a perseguição a igreja se via dividida entre aqueles que se mantiveram fiéis, “confessores”, e os que haviam caído, especialmente os bispos “entregadores”. Em Cartago em especial, a postura dos confessores contra os entregadores era inflexível e dura.

Segundo, com o apoio declarado de Constantino ao cristianismo, a religião cristã era cada vez mais aceita pelas classes mais altas e cada vez mais pessoas com alta posição social adentravam as igrejas. A fé cristã que até então praticada pelos mais pobres, pelos numídios e mauritanos (etnias e clãs mais pobres da região), passou agora a ser praticada também pelos ricos e influentes de Cartago. Essa tensão social que existia fora da igreja veio para dentro da igreja quando o bispado de Cartago ficou vago.

Terceiro, com a morte do bispo de Cartago, Ceciliano foi eleito para a posição com a ajuda da elite latina de Cartago. Contudo, Ceciliano não era bem querido pelas multidões mais simples da igreja e logo outro bispo foi levantado pela ação popular, Majorino. Um grupo acusava o outro de irregularidades no processo e logo a igreja de Cartago se viu dividida. Pouco tempo depois Majorino morreu, sendo eleito em seu lugar Donata de Casa Negra, que veio a dar nome ao movimento que ficou conhecido como “donatismo”.

Quarto, a justificativa para os debates era inicialmente de ordem prática e não teológica, pois o movimento alegava que um dos três bispos que havia ordenado Ceciliano era um bispo “entregador” e que portanto a ordenação não era válida. O argumento dos que se opunham era de que o ato não era validado por quem o realiza, mas pelo nome da Trindade invocado na ordenação. Os donatistas então passaram a refutar a ordenação dos sacerdotes ordenados por Ceciliano e os batismos realizados por esses sacerdotes, de maneira que se alguém desejava se unir aos donatistas era rebatizado instantaneamente. A igreja no entorno desse debate se dividiu: alguns bispos, incluindo o bispo de roma e outros bispados tradicionais, reconheceram o bispado de Ceciliano e outros apoiaram o movimento donatista. Constantino se envolveu ativamente na controvérsia, chancelando o bispado de Ceciliano.

A tensão continuaria crescendo até que por volta de 340 um grupo de extremistas surgiu dentre os donatistas, os chamados “circunceliões”. O termo significa “ao redor da capela” e era utilizado com relação a donatistas que eram em sua maioria camponeses numídios e mauritanos que formavam pequenos grupos secretos que se reuniam nas tumbas dos mártires da igreja para traçar planos de lutar contra os “poderosos”, fazendo emboscadas para apanhar um rico em viagem, invadindo vilarejos ou atacando fazendas mais afastadas. Uma vez que o período de perseguição havia cessado, aqueles que morriam lutando contra os poderosos eram os novos mártires da igreja. Os romanos não conseguiram sufocar o movimento dos circunceliões e nem mesmo a queda do império romano e o domínio dos vândalos o extinguiu. Donatistas e circunceliões deixarão de existir apenas no séc. VII quando o norte da África é conquistado pelos muçulmanos. O cisma donatista mostra que desde tempos antigos os conflitos sociais podem vir para a igreja e se tornarem conflitos intra comunitários e que o fanatismo é um fenômeno religioso universal.

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.160-218

A controvérsia ariana

Além de ser um período marcado pelos conflitos que nascem com a mudança do status da igreja de perseguida a poderosa, os séculos III e IV também foram palco de disputas teológicas dentro da igreja, dentre as quais a mais relevante do período certamente foi a “Controvérsia Ariana”. As origens da controvérsia ariana remontam ao momento em que a teologia das Sagradas Escrituras se encontrou com a filosofia dos filósofos clássicos no tecido do império romano.

Primeiro, o império romano se tornou veículo para propagação dos grandes pensadores gregos (Platão, Aristóteles, Plotino) e suas teorias. Platão e Aristóteles haviam escrito sobre a existência de uma divindade que seria a criadora de tudo, uma divindade marcada pela perfeição e que era imutável, impassível e estática. Segundo, os cristãos eram acusados de serem ignorantes e de defenderem ideias irracionais sobre uma divindade que não possuía imagem (“ídolo”) e logo alguns viram a possibilidade de explorar as semelhanças entre o “deus” de Platão e Aristóteles e o Deus revelado nas Escrituras. Terceiro, não demorou para a imagem do “deus” filosófico se sobrepor ao Deus das Escrituras e aí se instalou um problema: se o Deus dos cristãos é imutável, impassível e estático, o que fazer com as passagens nas quais Deus fala, se relaciona, se ira, se entristece e sofre? Uma solução foi desenvolvida por alguns pais da igreja de que Jesus é o *Logos*, o Verbo de Deus, que existiu antes da criação do mundo. Assim, quando as Escrituras dizem que Deus fala, se relaciona, se ira, se entristece e sofre não está falando de Deus Pai, mas do Verbo que se tornou homem, Jesus.

Com esse pano de fundo já podemos entender por que na cidade de Alexandria por volta de 318 o presbítero Ário se envolveu em uma série de debates com seu bispo, Alexandre, a respeito do Verbo ser coeterno com o Pai ou não. Ário defendia que o Pai é Eterno mas o Verbo não, pois o Verbo foi criado – embora antes de todas as coisas – e por meio do Verbo foi que Deus Pai criou todas as coisas. Basicamente a discussão colocavam em voga a questão da divindade de Jesus, afirmando que o Filho é uma criatura, embora singular e exaltada pelo Pai, mas apenas uma criatura. Depois de debates e tentativas de dissuadir Ário de sua doutrina, Alexandre utilizando sua autoridade condenou Ário depondo-o de seu cargo eclesiástico e condenando publicamente sua pregação. Contudo, Ário era popular em Alexandria e logo o conflito entre os teólogos se tornou um conflito popular: a cidade de Alexandria se dividiu entre arianos e contra arianos e a polarização começou a se espalhar pelo império, ameaçando a unidade da igreja. Neste momento, Constantino intervém e convoca um concílio de todos os bispos para se reunir em Nicéia as custas do cofre do império para resolver a questão.

O concílio de Nicéia, conhecido como primeiro concílio universal da igreja, se reuniu em 325 com cerca de 300 bispos de diversas partes do mundo de então. Pela primeira vez na história, líderes cristãos de diversos locais se reúnem mostrando como a igreja tinha de fato se espalhado pelo mundo afora. O concílio lidou com algumas questões práticas como por exemplo a questão da readmissão dos que haviam caído na perseguição, sobre a ordenação de pastores e presbítero e outras questões administrativas. Contudo, o momento mais tenso foi o debate a respeito da controvérsia ariana. Como Ário não era bispo, o defensor de suas ideias no concílio foi Eusébio de Nicomedia. Quando Eusébio tomou a palavra, o concílio estava dividido. Havia uma parte a favor das ideias de Ário, outra contra. Também haviam os bispos latinos que haviam encontrado nos escritos de Tertuliano sua fórmula trinitária (um substância e três pessoas) e que portanto não tinham interesse na disputa. Outros viam com tristeza aquele debate público e vinham com a intenção de conciliar o debate.

No entanto, quando Eusébio começou a ler o texto de exposição, o concílio o interrompeu depois de alguns momentos sob gritos de “blasfêmia” e “heresia” e alguns chegaram a tomar o texto de sua mão e rasgá-lo. A igreja ali reunida compreendeu que se tratava de um ataque a pessoa de Jesus, sua divindade, e a doutrina central da Trindade. Para responder ao arianismo o concílio formulou um credo, o Credo Niceno: “Cremos em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado como o Unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não-feito, de uma substância com o Pai, mediante o qual todas as coisas vieram a existir, tanto as que estão no céu como as que estão na terra, Que por nossa causa, humanos, e por causa da nossa salvação, desceu e encarnou-se, tornando-se humano, sofreu e ressuscitou no terceiro dia, ascendeu aos céus, e virá julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo. Mas quanto àqueles que dizem, que Existia quando Ele não era, e que antes de ser nascido Ele não era, e que Ele veio a existir do nada, ou quem declara que o Filho de Deus é de uma hypostasis ou substância diferente, ou é criado, ou está sujeito a alteração ou mudança – estes a Igreja Católica excomunga”.²

O Credo Niceno foi aprovado e assinado pela maioria dos bispos, que decidiram pela deposição dos que se negaram a assiná-la. Constantino, a tudo presente, determinou o exílio dos bispos arianos. A controvérsia no entanto, não amainou. Mesmo no exílio Ário e Eusébio de Nicomedia continuaram usando sua influência e mais tarde Constantino “converteu-se” ao arianismo, promulgando o exílio dos bispos que assinaram o credo niceno. A igreja se dividiu profundamente entre os defensores do arianismo e os do credo niceno, com a grande contribuição de Atanásio, Agostinho e outros pela “fé nicena”. Seria apenas no segundo concílio universal em 381 em Constantinopla que de fato os bispos viriam a decretar a ratificação do Credo de Nicéia. Em tudo isso, é importante notar o papel de Constantino nessas mediações e a maneira como o emparelhamento entre o império e a igreja foi acontecendo de forma rápida. Constantino via no cristianismo o cimento do império e não hesitaria em “resolver” questões que colocassem a unidade da igreja e do império em perigo. Ao poucos, a igreja abria mão do debate teológico para as disputas políticas que macularam profundamente sua história.

² GONZALEZ, Justo. *Uma história do pensamento cristão: Dos Primórdios ao Concílio de Calcedônia (V.1)*. São Paulo: Editora Cultura Cristã